

Daquelas que escrevem (políticas de um corpoescrita feminista na academia)

Of Those Who Write (Feminist Body-writing Policies at the Academy)

Autoria: Priscila Tamis de Andrade Lima

 <https://orcid.org/0000-0002-9661-6023>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.179879>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179879>

Recebido em: 13/12/2020. Aprovado em: 07/05/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

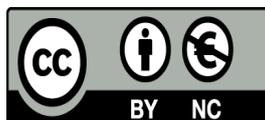
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  fb.com/opiniaes

Como citar (ABNT)

LIMA, Priscila Tamis de Andrade. Daquelas que escrevem (políticas de um corpoescrita feminista na academia). *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 53-73, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.179879>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179879>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

daquelas que escrevem (políticas de um corpoescrita feminista na academia)

Of Those Who Write (Feminist Body-writing Policies at the Academy)

Priscila Tamis de Andrade Lima¹

Universidade Federal Fluminense – UFF

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.179879>

¹ Priscila Tamis de Andrade Lima é doutoranda de Estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: priscilatamis@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9661-6023>.

Resumo

Tocadas da cabeça aos pés por uma subjetividade afro-latino-americana que nos convoca a disputar narrativas e desestabilizar verdades ditas sobre nós, propomos neste ensaio nos (des)orientarmos na polifonia das rodas e vozes possíveis – na universidade, na vida, nas relações. Fazer ciência de roda e a gira nessa roda ensaística de mulheres heterogêneas, marcadas por suas histórias, afetadas por um tempo, é o modo como escolhemos movimentar afetos, é mais do que um método, é um modo de dança e luta, é um *ethos* e política de encontro. Nosso feminismo posiciona-se como prática de combate às desigualdades e opressões de raça, gênero, classe, idade e orientação sexual. Tecer um corpoescrita é escrever com os acontecimentos vitais que nos constituem, corporificar-se na escritura, tecnologia artística que produz e acompanha processos de subjetivação. No corpoescrita daquelas que escrevem que a racionalidade é objetiva, parcial, inacabada, local, contextualizada, selvagem. É com essa escrita artística e feminista na academia que performatizamos ciência e vida juntas. Produzir conhecimento é construir saberes e fazeres que deslocam, interferem, misturam, reavaliam nossos modos de existir, é criar-se. Quantas e quem são as mulheres em nossas referências bibliográficas? Com quais mulheres damos as mãos em nossas produções de conhecimento?

Palavras-chave

Feminismo. Academia. Escrita de mulheres. Corpoescrita. Ciência de roda.

Abstract

Touched from head to toe by African-Latin-American subjectivity that calls us to dispute narratives and destabilize truths said about us, we propose to (dis)orient ourselves in the wheels polyphony and possible voices – in university, in life, in relationships. Doing wheel-science and spinning in this essayistic wheel of heterogeneous women, marked by their stories, affected by a time, the way we choose to move affections, it is more than a method, it is a way of dancing and fighting, it is an *ethos* and a meeting policy. Our feminism is a practice to combat inequalities and oppression of race, gender, class, age and sexual orientation. To weave a writing-body is to write with the vital events that constitute ourselves, to become embodied in writing, artistic technology that produces and accompanies processes of subjectification. Writing-bodies of those who write that rationality is objective, partial, unfinished, local, contextualized, wild. With this artistic and feminist academy writing we perform science and life together. Producing knowledge builds awareness and actions that displaces, interfere, mix, reassess modes of existence. This is to create oneself. How many and which women are in the bibliographic references? With which women do we join hands in our knowledge production?

Keywords

Feminism. Academy. Women writing. Body-writing. Wheel science.

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes.

Ponham suas tripas no papel [...]. Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos².

O antes da escrita é preparo de viagem. Arrumo a mala, empilho todos os livros e escritos que me acompanharam na temporada dos dias. Organizar no fora o desarranjo de dentro. Pesquiso, anoto, rabisco os livros e arquivos, considero mesmo as paredes como folhas. Depois disso, preparo a data de embarque. Vou preparando o corpo para o deslocamento da viagem, movendo nos dias anteriores os desejos e ideias, conjecturando pela velocidade do tempo o que seremos capazes de imaginar e efetuar juntas. Temporada de leitura e temporada de escrita. Funcionamos em estações. Codificação do próprio processo de escrita? Método para fazer acontecer. Quando o corpo vívido nasce tem que lidar com a mudança e descobrir o que pode. E quando a vida muda é preciso acompanhar, chegar junto com o que há de novo e rearranjar o que está para jogo. Criamos texto na integridade do corpo, nos reescrevemos de outros modos. A mente não é um motor à vácuo, há pés no chão, há braços trabalhando, há o ardume das vísceras. O que move tua escrita?

Em tempos que se tenta matar a vida a qualquer custo, em tempos de preparo do fim de um mundo, é preciso coragem e insistência afirmativa. Escrevo para dar nome a um plano objetivo, real e ordinariamente complexo no belo surto de um corpoescrita – que aqui se chama mulher. Proponho uma gira de trabalho concentrada, invocadora, dançante, inspirada pelas giras e vestimentas de minha avó no interior caipira em que cresci. Entre ramos de arruda, miçangas coloridas e abençoadas, guaraná, cachimbos e saias rodadas. Aprendi com ela a saudarmos

² ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo*. Tradução de Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, n. 1, v. 8, pp. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Último acesso em: 25 ago. 2019.

nossos guias e das forças ancestrais inspirar nossa jornada. Aprendemos juntas com os rituais de matriz afro-brasileiros da Umbanda. Roda de combatentes amorosas, mulheres de saias e pés no chão numa entoada rítmica feminista de histórias, perspectivas e poéticas, roda de intenções e polifonia - espelho com milhões de faces que faz correr a gira política de nossas existências. Fazemos ciência de roda. Aprender em roda é olharmos nos olhos e reconhecer a presença umas das outras, uns dos outros. Não queremos avançar “como sonâmbulos a caminho do conhecimento” (hooks, 2017, p. 195). Levantamos a âncora.

Sigamos nessa órbita para vermos juntas, juntos, sem que para isso seja necessário ser a outra. Mais do que empatia, essa experimentação indireta do que sente o outro, proponho ocupar esse lugar e ser afetado por ele e com ele, por elas e com elas, sem supostos “objetos” e “sujeitos”. No mesmo barco, de lugares diferentes, a tempestade não é a mesma. Não somos iguais, alinhavamos subjetividades criando conexão a partir de vozes femininas parciais, incompletas, nada universais porque ampliam a visão de mundo, alargam as ancas das inconciliáveis diferenças. A comunalidade, a produção de um comum na luta pode impedir a violência de desconsiderar diferenças e identificar todas as mulheres como a mulher, a comunalidade pode impedir a representação do feminismo como uma imagem disponível e codificada. Não há campo unificado e nem racionalidade universal. Há sim conhecimentos locais, heterolinguagens, desconstrução, explicações em rede. Há peles marcadas.

Eis a autoria de roda. Quem são nossos povos, nossas avós e tataravós, quais são as músicas que crescemos ouvindo, quais nossas comidas e bebidas? O que aprendemos sobre trabalho e descanso em nossas convivências? Qual o lugar da terra, onde estão as águas? Quais são tuas danças e teus instrumentos musicais? Quais são tuas alianças? Tanta pergunta para dizer que é com essa diversa sabedoria que trabalhamos. Escrevo e me (des)oriento na polifonia das rodas possíveis – na universidade, na vida, nas relações. É assim que escrevo, é assim que proponho a gira na roda. Pontes de aproximação e contato é que constroem as linhas de um pensamento tramado por corpos e vozes. A primeira pessoa é esta mesma encharcada de solidão e povoamento.

Tecer um corpoescrita (TAMIS, 2016) é escrever com os acontecimentos vitais que nos constituem, é corporificar-se na escritura, acompanhar processos de subjetivação e não sujeitos. É efetuar nossa potência criando matéria expressiva, esculpindo singularmente a linguagem, fazendo plissês de pensamentos e afecções. É nos ensaiarmos com o sangue vivo da duração, do tempo, dos acontecimentos, energia vital que nos produz, é efetuação do corpo em sua capacidade de extrair força mesmo dos desabamentos, é a ampliação de nossa potência em cada ato de existir, de dizer, de contar. Escrever e ler em voz alta o que se escreve. Compartilhar o que se escreve. É com essa escrita menor, híbrida e impura que afirmo um corpoescrita que rompe com fronteiras coloniais entre pensamento, corpo, poética, ciência e arte. É por isso que a escrita enquanto encruzilhada da expressão de si e produção de conhecimento é também meu problema. Escrever é um lugar de experiência problematizado a partir dos saberes do corpo nas relações, a escrita é o que subjetiva, é tecnologia artística que acompanha e produz processos de subjetivação – efeito das forças do mundo em nosso corpo, como essas forças nos

afetam, nos tocam, nos atingem e nos provocam a agir, a cair, a permanecer, a morrer. A escrita é relacional e conectiva com seu tempo, é composição com os de nós e o que nos acontece.

Aqui mulher não se trata de um ser essencializado, desse ser carregado dos penduricalhos escolhidos a dedo para princesas esperadas, não se trata de sexo biológico, de gênero identificável. Mulheres são esses seres que foram historicamente distanciados de seus corpos, de seus desejos e de suas lutas. Mulheres são seres heterogêneos marcados culturalmente pela cor de suas peles, por seu gênero, por sua sexualidade, por sua idade e classe. Não se trata de um diálogo de vaginas. Ela nasceu com vagina. Ele também nasceu com vagina. Ele descobriu-se ela. Ela tornou-se a cada dia ela mesma. Ela outra nasceu com um brotopênis e ela gosta dele assim. Ela outra nasceu com pênis e não gosta dele. Na sua cabeça há uma vagina madura. Segura essa junto. Uma gira feminista com seres-intercessoras encarnadas em corpos que se fazem mulher numa escrita dialógica na academia. Quem são as mulheres na ciência? De quais escritas são feitos seus corpos? É com elas e a partir delas que é tecida aqui uma escrita científica artística e feminista. Uma pane no sistema?

A questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. Suas imagens não são produtos da escapatória ou da transcendência de limites, isto é, visões de cima, mas sim a junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meios de corporificação continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar (HARAWAY, 1995, pp. 33-34).

Localizar mulheres que escrevem na academia é desdobrar uma inquietação e uma ocupação no mundo, é situar um lugar ético, político e estético perspectivo, lugar de visão e de fala. Quando a universalidade exclui expressões, experiências e métodos de pesquisa, quando a universalidade se faz como uma fantasia moral que ordena hierarquicamente o que é objetividade e o que é racionalidade científica, quando a universalidade científica cria reducionismos exigindo máscara de homem heterossexual branco para as diversas vozes e experiências é hora de nos interrogarmos sobre o que temos feito de nós mesmos. O que temos feito de nossos corpos e linguagens? Como temos contado nossas histórias? “[...] uma ótica é uma política de posicionamentos. [...] Posicionar-se implica em responsabilidade por nossas práticas capacitadoras. [...] A responsabilidade feminista requer um conhecimento afinado à ressonância, não a dicotomias” (*idem*, pp. 27-29).

As afirmações e provocações aqui são menos por oposição ou produção binária e polêmica, o que não me interessa, e mais pela condição de desvalor dada à vulnerabilidade da experiência do corpo e sua expressão no mundo. Desvalor como não apreciação, como não estima, como não legitimidade social e acadêmica de um lugar que se ocupa e de um agir no mundo. Aqui, sou e somos o contra-hegemônico e, por isso, da ordem do feminino, construído e afirmado como autoria de roda, aqui é mais a agonística problematizadora e menos, bem menos, o

antagonismo das polêmicas, aqui somos o que nos interessa e move. Quantas e quem são as mulheres em nossas referências bibliográficas? Com quais mulheres damos as mãos em nossas produções de conhecimento?

Compreender a perspectiva local daquelas que escrevem para não forjarmos uma ingenuidade que no mínimo consolida alicerces patriarcais de um modo de fazer e legitimar ciência. Disputamos a ciência? Mais do que isso. É um embate para desmontar ideais e modelos normalizadores, embate pela demolição das verdades uníssonas, pela afirmação e problematização do que equivoca a existência. Se há imperativos, são da necessária e frutífera coexistência. O quarto do silêncio é o mesmo que abriga muitas vozes, é aquele do som insuportável ao outro. Vazamos o quartinho e ganhamos a terra. É a partir dela e com ela que falamos. Disputamos lugares de autoria, voz e seus processos de criação. Gestamos em nossas barrigas o legado da nossa força ancestral, corporificamos e transmutamos intensivamente os saberes de nossos corpos e a construção do conhecimento. Burlar a lógica neoliberal utilitária com a linguagem ou os sentidos sentimentalistas atribuídos ao corpoescrita da voz feminina é não precisarmos todo o tempo nos justificar ou nos desculparmos por existir - “mesmo com a qualidade feminina do texto mantemos um rigor científico”. Esse tipo de intervenção corruptiva em nós ou de nós não passará.

As crianças levam muito a sério suas brincadeiras. Minha menina era uma roteirista do imaginário, mãos cheias de companhias. Quase tudo virava uma história a ser contada ou interpretada. As escovas de dentes eram personagens e viviam aventuras e romances, os cavalinhos de plástico, o gato de carne e osso, as bolinhas de gude, as bonecas. Terra vermelha era chão, a mangueira era esconderijo. Na escola inventada era diretora, professora e aluna, tudo junto e ao mesmo tempo, organizava os papéis e organizava a vizinhança para construirmos as aulas. Nós-meninas brincávamos de vale-tudo, era luta, e era pra valer. Tinha basquete no quintal e bola-queimada na rua, tinha esconde-esconde. Tinha depoimentos e entrevistas entre uma e outra brincadeira. Uma comida gostosa logo se via e ouvia pelos gemidos. Lia de tudo e escrevia histórias quase intermináveis. Gostava de ler livros em voz alta para as amigas e amigos, recitar poemas, inventar teatro e coreografias de dança com figurinos de purpurina e paetês na escola. Narrar era mais uma brincadeira séria.

O tempo e sua história foram tentando retirar a brincadeira e especializar o sério. A seriedade virou necessidade de controle. Dançar e viver personagens ganhou coreografias coordenadas e doloridas, escrever virou instrumento de fazer ciência – narrativa sem localidade, sem tónus, narrativa de dicionário – disciplinar o si da experiência. “Vai ser escritora ou vai escrever ciência?” Fazer comunicações orais performando leitura em voz alta virou lugar de desvio do medo porque a escrita dava passagem para a voz, criava possível. Passei anos como a aluna que temia a professora-em-si, criando uma falta que nunca acabava. O que antes era encantado ficou quase proibido, imaculado, desaconchegado no corpo da mulher e no corpo social. Até que o caminho descortinou um sim profundamente vivo.

A escrita virou a performatização da ciência e da vida juntas. A escrita virou lugar de cura. A cura nunca é para sempre, definitiva, ela é uma cura, ela é a cada vez, ela é um certo conforto no desconforto dos processos-de-nós. Ela é aos poucos

e em doses. Os banhos e mergulhos nos curam da vontade de cura definitiva, desviar do medo enfrentando o medo é querer mais o processo do que a solução. É no impossível que o vívido é acolhido. É no corpo que o saber acontece, que o conhecimento vira magia, ganha novo outro lugar. É no corpo que o conhecimento fica encantado. Por isso é a partir do corpo que se escreve, é com o corpo que fundamos um mundo, é com o corpo que experimentamos nossos surtos e é com o corpo que aprendemos a curar nossos processos. Quando retiram a paixão feminina, nos tornam mais dóceis e previsíveis, reguladas por um ciclo que não nos pertence. É no corpoescrita daquelas que escrevem que a racionalidade é objetiva, parcial, inacabada, local, contextualizada, selvagem. Uma ciência de corpoescrita. São as finitas experiências de si e de ser, aquilo que fica no entre antes e depois de nós a cada instante-já, o começo que não é início, sem origem porque é meio. A aproximação é nossa ponte de cura e é com o entulho da demolição de muros que construímos nossas pontes.

A roda e a gira na roda é o modo como escolhemos movimentar afetos e fazer ciência, é mais do que um método e não é banal, é um modo de dança, brincadeira e luta, é um ethos e uma política de encontro. Talvez em algum momento tenhamos desistido de nós mesmas, acreditando mais na espada do que em sua envergadura. E talvez seja mesmo por isso que guardamos, como quem cuida, esses infinitos nascedouros de nós. Como poções de feitiçaria situamos na roda indelévels marcas de mulheres.

Não representamos nem defendemos feminino ou feminismo como artigo definido. Estamos aqui marcadas e situadas, tanto feminino como feminismo, em uma partilha de caminhos de enfrentamento sem sobreposição de lutas, não falamos uma pela outra. Tocadas da cabeça aos pés por uma subjetividade afro-latino-americana que nos convoca a disputar narrativas e desestabilizar verdades ditas sobre nós e acima de nossas vozes, nosso feminismo posiciona-se como teoria e prática de combate às desigualdades e ao capitalismo patriarcal, incluindo opressões de caráter racial e de classe, gênero, idade e orientação sexual. E se, histórica e culturalmente, ainda parece importante destacar a sociedade como patriarcal e a opressão do feminino como machismo, é porque nossos sistemas linguístico, prático, metafísico, epistemológico e terminológico definem ainda a primazia masculina. Dados e provisórios que somos, há de chegar a transformação social em que essa divisão dicotômica exaustiva, ainda necessária na luta para alcançar direitos, já não fará mais sentido, porque direitos estarão alcançados, porque gênero e sexo não serão utilizáveis como categorias de estigmatização ou exclusão.

Há muitos pontos de partida do ser mulher no mundo, não falamos de um mesmo lugar, reproduzimos poderes que condenamos quando reduzimos nossas práticas políticas. Ser perspectiva pede a delicadeza ética de estarmos em comunalidade para não cairmos em bolsões positivistas. Ser perspectiva exige atitude e olhar críticos em relação a nós mesmas. A ativista negra brasileira e mestre em Filosofia Política Djamila Ribeiro organiza a coleção *Feminismos Plurais* e, em seu livro “O que é lugar de fala?” (2017a), ela traz a visão de Audre Lorde, feminista negra caribenha e lésbica, que enfatiza a importância de ampliarmos nossos questionamentos e olhares, lidando com responsabilidade com as diferenças que

nos circundam e com as diferenças que nos constituem. Lorde ressalta a importância de não hierarquizar opressões, compartilha sua dificuldade em se sentir pertencida a um movimento, já que, como mulher, negra e lésbica, ela se via obrigada a escolher contra qual opressão lutar, pois todas a colocavam em determinado lugar. Era como negar uma identidade para afirmar outra, abnegar-se da própria pluralidade, fazer reforma e não transformação. Ela traz um olhar fundamental para a interseccionalidade e enfatiza a importância de matarmos o opressor em nós.

O lugar de onde falamos, vemos e ouvimos, cada uma de nós nesta roda ensaística, é o lugar da experiência. Pensamento e experiência no sentido interseccional, que nos estimula à complexidade das histórias vividas e daquelas que nos contam, não se limita a essencialismos, reconhece que o mesmo corpo oprimido pode também corroborar com violências, estando todo sofrimento interceptado por estruturas coloniais de poder. A interseccionalidade enquanto proposição de mulheres feministas negras é amparada por reivindicações coletivamente constituídas, metodologia de pensar e sentir que visa combater multideterminadas discriminações, desconstrói concepções de vulnerabilidade uniformizada. As diferenças são relacionais e todos diferentes uns dos outros, umas das outras. Raciocínio mais interessado nas desigualdades impostas pelas matrizes de opressão do que pelas diferenças identitárias (AKOTIRENE, 2019). Como desanestesiá-lo o gesto, o texto, a ficção, a arte?

Se a pauta do racismo foi esquecida pelo feminismo hegemônico à época das sufragistas norte-americanas (RIBEIRO, 2017), ou mesmo se nossas histórias latino-americanas foram esquecidas dos livros de nossas escolas fundamentais no Brasil - nossa colonização interpretada como conquista e progresso, “civilização” construída a ferro e chicote, catequizando, exterminando, escravizando povos originários e negros - é neste tempo presente que perguntamos: por que demoramos tanto para ouvir essas vozes? Enquanto a posição de escuta é dolorida e nos exige mobilidade, sabemos que manter o corpo vivo e a voz pulsante são frutos de muito trabalho. Durante discurso em Oakland, nos Estados Unidos, 1979, a ativista negra Angela Davis afirmou que em uma sociedade racista não basta sermos não racistas, devemos ser antirracistas. Isso para que nossa voz de mulheres e homens de qualquer cor seja uma atitude, uma prática veemente, para que sejamos mais intervencionistas enquanto interferência em atos do que intervencionistas discursivos. Língua e corpos como aliados de luta. Juliana Gonçalves (2018), Jornalista, ativista negra antirracista e uma das organizadoras da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, nos explica de modo precioso, sustentada pelos caminhos construídos por Angela Davis, o posicionamento antirracista:

Quando a Angela Davis fala em ser antirracista, significa assumir uma prática antirracista. Como é que você se posiciona em relação ao racismo nas situações do seu dia a dia? Falando especificamente para pessoas brancas, como você faz esse exercício? Se você chega a um espaço que só tem pessoas brancas, como você se move com relação a isso? Como isso te toca e te leva a uma ação? Se você percebe no seu trabalho que não tem pessoas negras, que as pessoas negras que estão lá estão todas em posições

subjugadas ou até mesmo recebem um salário menor fazendo a mesma coisa, como é que você se posiciona com relação a isso? Inclusive entre as pessoas brancas em espaços ainda embranquecidos a que os negros ainda nem chegam para ter voz. Colocar-se ao lado da luta antirracista é entender que isso é uma questão realmente estruturante, principalmente num país de forte passado colonial e recente passado escravocrata, e que isso não é uma questão de segunda ou terceira necessidade. Para pessoas negras, o corpo é a primeira fronteira, e o racismo se coloca como algo imperativo nas nossas vidas, que vai nos influenciar do nascer ao morrer. Ter aliados brancos, pessoas brancas conscientes disso, de seus privilégios, é essencial, porque, como eu disse, há espaços que são tão embranquecidos e tão segregados que os negros nem chegam para ter voz. Nesse sentido, é importante ter a voz branca tensionando também. Quando a gente fala, a gente está falando com a nossa adversidade. A voz branca tensionando, na educação, na saúde, no trabalho, ajuda a fortalecer a luta antirracista [...]

Entender que o Brasil é um país extremamente desigual, que a riqueza ainda está nas mãos de um grupo muito pequeno e completamente embranquecido, também é importante para ser antirracista. Ser antirracista é prática diária. Não é só dizer não a esse racismo etéreo, é falar não para o racismo que traz a mortalidade para muitos corpos.

— fecha a perna, menina.
— e nós abrimos a roda.

Descolonizar os modos como construímos conhecimento, e como nos construímos, é desestabilizar a autorização masculina heteronormativa branca para ouvirmos e escrevermos “outras geografias de razão e saberes” (RIBEIRO, 2017), é reconhecer privilégios epistêmicos e de existência, é aproximar mulheres de suas histórias e de suas manas, é refutar uma neutralidade epistemológica que gera a manutenção de poderes e permanece excluindo aquelas e aqueles que são historicamente apartados de direitos educacionais. Aquelas e aqueles cidadãos que, apartados de seus direitos educacionais, têm negligenciados também outros direitos fundamentais como saúde, habitação, segurança, cultura, mobilidade urbana.

A filósofa panamenha Linda Alcoff (2016) aponta a luta política embrenhada neste caminho e critica essa epistemologia positivista que se pretende universal e que julga moral e intelectualmente os saberes orais, a prática médica dos povos colonizados, os saberes das parteiras, as ontologias dos povos originários, as escritas e experiências relatadas em primeira pessoa, afirma para esse conhecimento universal a necessidade de no mínimo uma profunda reflexão de localidade social e

cultural. Trata-se de construirmos uma liberdade acadêmica para uma liberdade de existir.

A liberdade acadêmica depende de instituições públicas democráticas comprometidas com o princípio de não-intervenção por parte dos Estados, das autoridades religiosas e dos poderes corporativos na produção e disseminação do conhecimento. Assim, a luta pela liberdade acadêmica pertence à luta pela democracia. A liberdade acadêmica pertence à universidade, ainda assim as universidades pertencem aos seus locais e organizações políticas. As paredes são mais porosas do que as distinções legais às vezes permitem. [...] O que o autoritário teme é que a discussão aberta em um seminário universitário se mova para fora desses muros (BUTLER, 2018).

Ao contrário de um modo essencialista e a-histórico, as identidades têm sido o que anima às forças e lutas, movimento que encorpa as vozes que têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas. Neste sentido que nós, autoras feministas antirracistas, defendemos a importância epistêmica das identidades para um projeto de descolonização epistemológica, já que as localizações são distintas e importam para o conhecimento. Identidade como movimento de confiança, localização e desconstrução. Os processos de subjetivação continuam ali, desviando os corpos em suas singularidades, produzindo diferença no entre das microrrevoluções e até das guerras. Estamos afirmando uma indissociabilidade entre produção de conhecimento e criação de si. É criando a nós mesmas e reinventando nossas relações com nossas companheiras e companheiros que nos libertamos de um certo cansaço. Esta não é uma gira de generalismos e violências reprodutoras de opressões machistas ou de exclusão do homem e das masculinidades, ela é sim, olhar e gesto amorosos de pronta vontade de mudança da realidade, de reconexão com os vívidos de nós e de afirmação das variações femininas. Não somos universais.

Se toda narrativa parte do mundo que vemos e vivemos, das experiências de si, então o lugar de onde se fala e se vê, essa tal perspectiva, desenha a política, estética e ética dos modos como experienciamos o mundo, como sentimos, como nos implicamos nele. Se, nesse projeto colonizador, subjugamos e exploramos corpos e subjetividades, então a ponta da flecha da verdade foi construída apontando para uma certa verdade da história, para um discurso, para determinados modos de existir e para a manutenção do poder de alguns, enquanto outros lutam para não morrer. Lugar de fala é lugar de visão. Traçamos linhas dialógicas de cuidado e escuta. Escrita molhada em linhas que ardem.

Uma sociedade de discurso hegemônico colonialista branco, patriarcal, de construção política e cultural machista dos corpos e subjetividades (tanto masculinos quanto femininos), que limita e impõe papéis de gênero desde a infância. Estes papéis são baseados em identidades binárias de homem e mulher biológicos, e as pessoas cisgêneras e heterossexuais são aquelas que correspondem às feminilidades e masculinidades duais hegemônicas. Esse é o cenário que legitima

e privilegia a exata ciência, que quase chega lá, se não fosse tudo que deixa para trás, abusiva quando desqualifica e despreza a diferença das vozes, dos processos dos corpos que escrevem. Quando falam mulheres brancas, mulheres negras, lésbicas, gays, pessoas transexuais, indígenas, caipiras, população ribeirinha, pessoas com deficiência, loucas e loucos, benzedeiras, pessoas com dificuldades de aprendizagem? Toda essa gente que mascaramos no mapa das relações sociais e acadêmicas. Onde estão? Quando ouvimos?

Acontece que ressentimento não produz caminhos de saúde, e nosso axé é fazer fissuras impossíveis - e por isso mesmo, poéticas e criativas - em espaços duros. Há uma contra-hegemonia porque queremos desestabilizar instituídos e normas sufocantes que eliminam as sensibilidades das existências ou mesmo as existências sensíveis a esse jogo de poderes. Só que mais do que contra e muito além disso, como posiciona Djamilia Ribeiro (2017), há a força e potência dessas geografias, corpos e saberes. Há o que a escritora negra brasileira Conceição Evaristo (2017) refere sobre a máscara de silêncio imposta à escrava Anastácia, máscara de apagamento do ser, de medo, silenciamento e controle do corpo – a mulher negra subjugada aprende a falar pelos orifícios da máscara, e às vezes é com tanta potência que estilhaça a máscara. “E eu acho que o estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara”.

Corpos de memória, corpos de alteridade, feridas coloniais, migrações forçadas, inacessibilidades, rasgamos o tempo e nossas cicatrizes, nossos medos, nossas diferenças de dentro e entre nós. Pelas águas que trouxeram nossas irmãs, no salgado da memória de nossas ancestrais, pelas desigualdades de oportunidades, pelo tom amargo da necessidade de afirmação em tempos de ódio explícito à mulher, pelo doce e poderoso vigor de nossas entranhas, recuo à esquerda, escrevo em primeira pessoa. Ela escreve, e ela, e ela também... e...

Escrever e publicar nossas vozes de mulheres é um ato político. Escrever é dar outro corpo para a língua, é dar lugar no mundo para voz de medo, para voz de coragem, para vozes massacradas, para vozes que não são escutadas, é transmutar, como feitiço, o que se queria antes, redescobrimo em si mesma aquelas histórias escondidas. Escrever é ousar expor a fome do corpo - fome de comida, de cultura, de dignidade, de igualdade de acesso e direitos - é impedir o sangue de coagular na caneta – como disse Gloria Anzaldúa (2000, p. 234) em sua Carta, é impedir o sangue de coagular nas veias, é claramente expandirmos nossas ocupações no mundo, desafiando papéis e destinos. “Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles”. Escrever e publicar é atitude de guerrilha para mulheres, é para muitas de nós – mulheres negras, mulheres com deficiência, mulheres indígenas, mulheres pobres, mulheres lésbicas, mulheres loucas, mulheres caipiras – dar o pulo do gato à máxima potência, equilibrar-se no olho do furacão, desafiar o colonialismo social e epistêmico de nossa grande vila brasileira – corpoescrita de nós, escrevivência do tecido vivo. E a insolência da inteligência viva é escrever para não ter vergonha de ser gente.

Produzir conhecimento é construir saberes e fazeres que deslocam, interferem, misturam, reavaliam nossos modos de existir, é criar-se. Como podemos deixar a vida e sua expressão subordinadas a perfeitos modelos de normalidade neoliberal? Perfeitos porque em seu paradigma existe a forma-fôrma,

o objetivo, a meta, o corpo, a saúde, a beleza - idealmente artigos definidos a serem alcançados custe o que custar. O preço é alto, ser aceito é um prato frio. Angela Davis (2011) nos propõe interligar nossas lutas e desenvolver novos valores revolucionários, como desatrelar valores democráticos de valores patriarcais e capitalistas. Escrevo para me reorganizar do inexorável, busco aberturas, becos, entradas e saídas, penso na desistência, remanejo o afeto como quem tenta realinhar finitamente o fio dos desatinos. O caminhar trouxe este sentido de encontro da mulher com uma experiência finita de corpoescrita artístico, que se conta a partir de pequenas histórias da relação de um pensamento feminino, feminista e ensaístico com o conhecimento e o escrever-se.

Despersonalizo, desapego do conhecido apresentável, desconfio dos modos estabelecidos de pensar, agir, sentir, percorrendo intensivamente para o que aponta a experiência de si, do corpo, de nós em aprendizagem contínua de ser gente, percorrendo intensivamente para o que aponta uma zona limite entre criar e destituir - dessubjetivação subjetivante (ZORZANELLI, 2005) – a criação de si que se dá em certo sumiço. “É no ponto em que o ultrapassamento de si torna-se parte do que está por vir que o movimento de morrer-se torna-se também o momento de nascimento, conjugando uma relação infundável entre vida e morte” (*idem*, p. 58). Deixar brilhar, atravessar nossos espaços de morrer no enquanto da escrita, deixar viver.

A lógica aqui tem seu papel, mas não dominância. Em nossa língua brasileira o masculino das palavras dominou o que até hoje parecia plural. Temos rearticulado as expressões da língua e estamos mais atentas a essas armadilhas estruturais que de tão explícitas, quase não víamos. O feminino das palavras e o feminino do pensamento talvez esteja nesse reencantamento do processo de aprender, de ensinar, de compartilhar intuições e saberes. A essa altura acho que já entendemos bem que feminino ou masculino aqui não se tratam de identidade de gênero, mas dos modos políticos que dizem de como nascem, crescem e morrem nossos corpos e subjetivações, do modo como construímos nossas narrativas de nós. Masculino e feminino seriam armadilhas? Talvez a negação de masculino ou feminino seja o ranço da impregnação histórica que de alguma maneira tenta determinar uma lógica única. Escolhemos não seguir o cânone das narrativas hegemônicas masculinas. Somos parceiras das masculinidades que narram os desacertos do mundo e desejam o impensável.

A jornalista e escritora ucraniana Svetlana Aleksievitch (2016) reescreveu a história da Segunda Guerra Mundial em uma composição de vozes-narrativas-memórias de mulheres que aceitaram estar no combate às tropas nazistas e muito jovens foram franco-atiradoras, pilotas de tanques, enfermeiras de hospitais de campanha. Quase um milhão de mulheres estavam lá. Um apanhado de vozes de mulheres na guerra. Quase nunca os relatos são de como heroicamente umas pessoas mataram outras, como venceram ou não, as técnicas, os generais. A guerra feminina não é uma façanha incrível de heróis, é um conjunto de pessoas ocupadas em uma tarefa “desumanamente humana” (*idem*, p. 12), onde sofrem as pessoas, os animais, a terra, as árvores. Uma guerra feminina tem cores, cheiros, iluminação, espaço e tempo afetivo. São relatos de quando o tempo se volta para trás, antes de tudo uma criação, mulheres que ao contar escrevem suas vidas, reescrevem

passagens, retiram, incluem, tiram de si mesmas e não de jornais ou livros, do que lhes é alheio. Suas narrativas são trabalho de sofrimento, emoções e entrega. Após dezenas de anos, depositam em suas lembranças toda a sua vida, tudo de si, escutam a si mesmas tentando alcançar o mistério da vida. O que nos aproxima é aquilo que é pequeno e humano, que nos faz gente e faz nascer e morrer em doses. É a temperatura do que vivemos, de como vivemos e desde onde vivemos que rompe com amarras do discurso e do corpo aprisionados em modelos de como se deve contar uma experiência e de como se deve portar a vida. “Estou reunindo algo que chamaria de conhecimento do espírito. Sigo as pistas da vida interior, faço anotações da alma. O caminho da alma é mais importante para mim que o próprio acontecimento [...]” (*ibidem*).

Estive com uma família... Tinham lutado o marido e a mulher. Se conheceram no front e se casaram lá mesmo: ‘Organizamos nosso casamento na trincheira. Antes do combate. E para costurar o vestido branco usei um paraquedas alemão’. Ele era atirador de metralhadora, ela era mensageira. O homem na hora mandou a mulher para a cozinha: ‘Vá cozinhar alguma coisa para a gente’. [...] Depois de meus pedidos insistentes, ele cedeu seu lugar a contragosto, dizendo: ‘Conte como eu te ensinei. Sem chorar e sem essas ninharias de mulher; que queria ser bonita, que chorou quando cortaram a trança’. Depois ela confessou para mim, sussurrando: ‘Ele passou a noite estudando comigo um livro de história da Grande Guerra Patriótica³. Estava com medo por mim. E agora deve estar aflito de que não lembre direito. Não lembre do jeito certo’. Isso aconteceu mais de uma vez, em mais de uma casa. Sim, elas choram muito. Gritam. Depois que eu saio, tomam remédios para o coração. Chamam a ‘emergência’. Mas mesmo assim me pedem: ‘Volte. Volte sem falta. Ficamos em silêncio por tanto tempo...’” (*idem*, p. 12).

Desconstruir os estigmas arraigados em nossos espíritos para compreendermos os caminhos que cada uma e cada um de nós pode construir para viver o feminismo como modo ético de relação e produção de si, como autoanálise, como reconhecimento de limites, para estarmos além e adiante da violência com a qual temos nos conectado. Postura política no encaço de nossas potências de ser. “O que fazemos existir com a nossa escrita?” (SILVEIRA; CONTI, 2016, p. 61). Juntas e diferenciadas em nossas narrativas. Podemos lamentar o injusto e absurdo de nosso mundo ou fazer das pedras rudes e autoritárias a matéria orgânica e viva dos caminhos largos de nossas canções, de nossos gritos, de nossos gestos amorosos, respirando dores, memórias, marcas, fraquezas e forças. O texto nos aproxima, a luta nos aproxima, a aproximação nos cura.

³ “Nome usado na União Soviética para se referir à Segunda Guerra Mundial” (nota da autora).

— sobre estar professora e ser um corpo

Quanto maior o domínio e exercício de poder, maior a possibilidade de negar o próprio corpo, nos diz a autora estadunidense, professora, teórica feminista e ativista social negra bell hooks (2017) em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”. Estar junto nesse lugar de aprendizagem é irremediavelmente um efeito não apenas intelectual, é travar junto políticas de amizade e de existência. Todo corpo é uma defesa de vida, é essa defesa que portamos quando estamos ali, quando nos olhamos nos olhos. Não somos apenas mentes, somos corpos. Quanto mais nos aproximamos e desafiamos a linha invisível que nos separa como avaliadora e avaliados, sentimos o trabalho de construir junto, de chegar perto, de escuta sem uma avaliação seguinte, de reconhecermos uns aos outros. Uma educação para a pensamentos e posturas críticas nos interpela e desafia a sermos presença, corpos e espíritos encarnados na busca, na curiosidade, na investigação, na dança de aproximação que literalmente nos muda de lugar. Cada corpo em sala de aula é um desafio direto à experiência do outro.

Toda professora, professor, é um corpo que inspira paixões e modos de disposição a um processo educacional – paixões tristes, segregadoras, técnicas limitantes, fixadoras de status quo ou amor pelas ideias, pelas relações sociais, pelas percepções, pelo pensamento crítico e intercâmbio dialógico, pelas transformações de si. O paradigma artístico e feminista de ciência que encarnamos aqui é de ousadia, educação como prática de liberdade quando o que fazem as paixões é expandir e ampliar nossa potência de pensar, agir e sentir. Construir uma comunidade em sala de aula é estarmos vivos e atentos, entusiasmados na trabalhosa exposição e risco coletivos de uma pedagogia engajada (*idem*, 2017), em que somos mutuamente responsáveis pelas experiências de aprendizado, pelos desconfortos e bem-estar coletivo.

Deixar caber no plano da professora o inusitado do encontro, uma abertura para a relação face a face que supera a conferência, que evidencia nossas políticas de vida, nossos cheiros, nossos afetos e desafetos, nos colocando com respeito e verdade cuidadosa na discussão e enfrentamento com o outro. Revolução da vida cotidiana que nos exige mudanças de atitude, a ação com intenção e reflexão, o acolhimento da divergência, a experiência da inclusão honesta - quando se quer verdadeiramente o outro na sua alteridade. Uma educação multicultural, que transite pelas fronteiras de modo afirmativo e não excludente, que celebre as diferenças, que se encoraje por estudar e aplicar múltiplas referências. Que a implicação política de nossas identidades e posturas superem o medo da perda do controle. Todos nós temos o papel de transformar as sociedades e as instituições educacionais “de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade” (*idem*, p. 50).

A revolução acadêmica de como ensinamos e do que ensinamos está em curso. Propomos interferências e desafiamos os modelos colonialistas de produzir conhecimentos e epistemologias, nos colocando em posição crítica aos papéis tradicionais da universidade, reinventando desvios alegres e transdisciplinares para

os lugares cansados, colocando em questão a supremacia branca, o sexismo, o racismo. Precisamos falar disso e estamos. Não vamos recuar, não abandonaremos a academia e a ciência, ao contrário, lutaremos por alargar os direitos de acesso e permanência, implantaremos políticas cotidianas de confrontação amorosa, de reposicionamento com nossa história, proliferando as rodas de conversação no espaço público e no privado.

No ano de 2017, entre os dias 17 e 19 de outubro, realizamos o “I Encontro Ocupar-se de Ocupar: saberes, práticas, produções e protagonismos na universidade pós-ocupações” como iniciativa autônoma de estudantes do Programa de Pós-Graduação (PPG) de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e alunos de graduação com o apoio do PPG e alguns professores. O intento da proposta era construir um espaço de debate sobre ensino, pesquisa e extensão acadêmicas, seus métodos, objetivos e articulações com nossa realidade social, a partir das perspectivas e saberes de grupos minoritários, sobretudo das populações negras, indígenas, LGBTQIA+, com deficiência e de favela. Neste sentido, abrir tempo e espaço em nossas agendas, ocupar mais e mais uma vez os espaços abertos da faculdade e fazer roda para olhar nos olhos de quem entra, para receber a outra e o outro, para discutirmos o acesso do público à instituição pública de educação, nos desafiarmos para além do acesso e pensar na permanência, com e para além da permanência, incluir saberes e práticas no nosso modo de “academizar” o conhecimento. Tudo com canto, arte e voz, partilha com dor, memória, indignação e perdão, com magia. Flávia Pinto (2017), socióloga, ativista de direitos humanos na área da diversidade e liberdade religiosa, em momento de Axé e encerramento da roda “Negritude, modos de vida e desafios na contemporaneidade” nos oferta com precisão:

[...] nas formas de sementes que libertam os frutos - os frutos da vida, da natureza, os frutos da vida humana, os frutos das vidas marinhas, que nós conhecemos tão pouco, os frutos das florestas, e sobretudo, o fruto do sagrado feminino, que é de onde nós derivamos, das nossas mães indígenas que derramaram seu sangue na terra para que nós pudéssemos chegar ao mundo, das nossas mães africanas que igualmente derramaram seu sangue na terra para que nós pudéssemos vir ao mundo e que esse sagrado feminino [...] possa nos dar nesse momento um momento fraterno de diálogo, um momento fraterno de escuta, um momento fraterno de troca e que essa troca seja exatamente a semente que nós invocamos no início da fala a ser bem plantada nesse solo e que gerem frutos para as próximas gerações.

O “I Encontro Ocupar-se de Ocupar” persevera em seus rastros luminosos de alegre aproximação como movimento de alguns estudantes da pós-graduação que acompanham e orientam grupos de estudos para candidatas cotistas das seleções de pós-graduação em Psicologia da UFF - populações negras, indígenas, com deficiência, travestis, transexuais, transgêneros.

Nos colocarmos em escuta umas das outras, uns dos outros, é abrir espaço para que cada uma e cada um encontre a própria voz, onde todas as vozes podem ser ouvidas porque são livres para falar, é partilharmos experiências e narrativas de vida, é construirmos juntos consciência de privilégios e injustiças, é olhar para os apagamentos, para a autoridade que se dá a alguns em detrimento de outros. É produzir variação de corposcritas com ciência de roda. A democratização das vozes abre brechas que rompem com entendimentos de que todos nós em sala partilhemos as mesmas origens de classe ou pontos de vista, nos tornando mais conscientes e cuidadosos uns com os outros. Inspiradas pelas admiráveis práticas e teorias de hooks (2017), quem sabe pensarmos professores universitários como agentes curandeiros, descompartmentalizando mente, corpo e espírito, trazendo o ser para a sala de aula, desestabilizando a convicção de que o ser subjetivado prejudica o processo de ensino-aprendizagem. O desprezo aos corpos está a favor de uma impressão de neutralidade e objetividade, retirando do ser o fato e sua política de exposição dos fatos, conservando poderes tradicionais e negando as subjetividades, mascarando as diferenças.

Uma ciência para corpos e pensamentos feministas pede metas engajadas em alcançar melhores explicações do mundo, exige uma rede de posicionamentos e aberturas, e, por isso mesmo, uma trama de vulnerabilidades que se cuidam. Essa visão feminista de existência cabe a cada um de nós, mulheres e homens, feminilidades e masculinidades, pessoas trans. Garantia de direitos civis fundamentada em comunalismo e democracia social é um reconhecimento ético de rede conectiva entre seres, natureza, deusas, deuses, cosmos. O movimento feminista pode e deve ser para todo mundo, acadêmicos e não acadêmicos, garantindo o acesso de todos à linguagem, transmutando a linguagem quando necessário, encarar de frente o sexismo e as discriminações de gênero, raça e classe (hooks, 2018), encarar a violência masculina e a violência machista sobre as mulheres e sobre si, encarar para fazer mudança.

**— nem mães, nem esposas, nem nomes de família
— nem escola, nem igreja, nem homens, nem estado.
(ou quem é o dono do corpo da mulher?)**

Desde criança adoto meus dois primeiros nomes para me apresentar. Entre os dois nomes e os dois sobrenomes carrego uma preposição e sempre me perguntei para que diabos serviria isso. Não sei, a história brasileira da genealogia dos nomes é complexa e não me ative a esse estudo, apenas busquei algumas informações de internet, mas bem parece que desde Portugal as preposições ocorriam em nomes de famílias nobres, e bem antes disso os nomes eram patronímicos (Maria, filha de Clotilde; João, filho de Domingos), ocupacionais (João Ferreiro), descritivos com apelidos (João Baixo) ou geográficos, tendo por base a residência (João de Bairro Alto). Pessoas negras tiveram mudanças em seus nomes com a suposta abolição, ganhando sobrenomes (Maria Preta vira Maria da Costa Silva). Os costumes no sistema de nomes no colonizado Brasil seguiram os caminhos portugueses, ora pois.

A preposição “de” me dava a sensação de que a tal do nome vinha de algum lugar, de alguéns. Desde criança eu era de imaginar quem eram as tantas e os tantos antes de nós – suas peles, seus cabelos, seus tamanhos, seus modos de tratar a vida e os modos como a vida tratava delas e deles. Quando criança nem podia supor que essa curiosidade enorme dizia já de uma disposição política com a própria história. Porque era disso que se tratava. No entendimento sensível, cuidei de apresentar publicamente um nome sem sobrenomes, não por negação ou desamor às famílias materna e paterna, mas só pelo encanto de ter um nome que ainda não conhece bem a própria história e que por isso mesmo pode inventá-la.

Quando experienciamos a leitura do texto de uma mulher, vamos percorrendo junto um caminho de corpo, escrita, invenção dos próprios dias e de si. Com Carolina Maria de Jesus e seu diário de uma favelada (2014), compreendi sensivelmente o conceito de classe. Porque se me coloco a descrever aqui o conceito, ele simplesmente parece rastro de pólvora quando me lembro das linhas do corpoescrita desta mulher – pobre, preta, favelada, mãe solo. Ela construiu em si forças do sobreviver que muitas e muitos de nós desconhece, a partir de experiências como a fome. E escreveu. Sua escrita em prosa diarística é obra que se fez junto com a vida vivida e a partir dela. A catadora de papel, mesmo quando não tinha luz se colocava a escrever sobre o que via, vivia e sentia, na ortografia e gramática que lhe foram acessíveis.

15 de julho de 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização de nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar [...]

17 de julho [...] Saí a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, varias pessoas saiam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou insultar-me:

- Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia.

Eu estava indisposta. Com vontade de deitar. Mas prossegui.

[...] E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda, respondi conscientemente:

Muito inteligente. Mas não tem iducação. É um politico de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador.

[...] Depois, não mais quiz falar com ninguem, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão. Trabalhei até as 11,30. Quando cheguei em casa era 24 horas. Esquentei comida, dei para a vera Eunice, jantei e deitei-me. Quando despertei, os raios solares penetrava pelas frestas do barracão.

18 de julho ... Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. [...] Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas tem que mendigar e ainda apanhar. [...] Enquanto os

esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. [...]

30 de maio ... Troquei a Vera e saímos. Ia pensando: será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome? [...]

O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? E que as crianças não suportam a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer (JESUS, 2014, pp. 14-15; 16-17; 47).

Fico nessa escolha, que traz a arte como mapa para aqueles que virão depois de nós, que nos lembra que matilha é feita de parceria sensível, que traz o ofício de contar histórias, de perguntar, escutar e ocupar as mãos como um modo de criação e expansão da alma, o que entendo como saúde. Nossa natureza instintiva está em nos compreendermos dentro das histórias umas das outras e não como se elas fossem alheias a nós. Não há um como se. Por isso mesmo não podemos mais desprezar as encantarias, os ossos que ficam de nós e nossas ancestrais. Nos voltarmos para estes ossos nos torna mais responsáveis por nós mesmas, por nossas produções científicas, por nossas filhas e filhos que escolhemos ter ou não, pelo corpo que somos nos amores e lutas que estamos. Somos carnes e ossos, somos um tempo. Estamos nos tornando o que contamos e escrevemos, em vias de, prestes a, como performance da máxima integridade.

As embarcações para o processo de escrita são aquelas aventuras sobre as quais pouco sabemos, mas com as quais intuímos que algo de nós se libertará. Quando o espírito de uma disposição a escrever é fazer de si passagem, é expor-se e colocar o corpo para jogo, é corrente de alianças que se faz na política das amizades, na alquimia ancestral e na diferença vívida - saborear diferenças que alimentam e impulsionam para a expansão, deixar ir para algum outro lugar da vida os que já se foram. “E apesar de me sentir, o tempo todo, me movendo sobre um rio de desconhecidas águas, continuei nadando, para continuar vivendo” (EVARISTO, 2016, p. 52). Um ciclo infindo de deixar viver e deixar morrer. Consideramos o deixar morrer como delicadeza e fruição com os processos da vida. Um ciclo no qual nenhum corpo ou natureza precisa ser exterminado, coagido ou assassinado para o outro existir. Diferenças coexistindo são argamassa de construção primorosa para transformações sociais e caminhos mais livres. Quais gestos e detalhes de cada uma de nossas vidas contribuem para mudanças?

referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ALCOFF, Linda. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Sociedade e Estado*, Brasília, n. 1, v. 31, pp. 129-143, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xRK6tzb4wHxCHfShs5DhsHm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2021.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Tradução de Édina de Marco. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, v. 8, pp. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 25 ago. 2019.

BUTLER, Judith. *Porque a luta por liberdade acadêmica é a luta pela democracia*. 2018. Tradução Carolina Medeiros. Disponível em <https://jornalggn.com.br/artigos/porque-a-luta-por-liberdade-academica-e-a-luta-pela-democracia-por-judith-butler/>. Acesso em 23 jul. 2019.

DAVIS, Angela. *As mulheres negras na construção de uma nova utopia*. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em 5 jul. 2019.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Conceição Evaristo em entrevista a Djamila Ribeiro. *Carta Capital*, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>. Acesso em: 25 ago. 2019.

GONÇALVES, Juliana. Para pessoas negras o corpo é a primeira fronteira. In: BERTONI, Estevão. *O que é ser antirracista? Estes 4 ativistas respondem*. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/11/19/O-que-%C3%A9-ser-antirracista-Estes-4-ativistas-respondem>. Acesso em: 10 fev. 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, pp. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 29 jul. 2021.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PINTO, Flávia. Negritude, modos de vida e desafios na contemporaneidade. In: I Encontro Ocupar-se de Ocupar. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocuparseuff/videos/1730297327279607/>. Acesso em 10 set. 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVEIRA, Marília; CONTI, Josselem. Ciência no feminino: do que é feita nossa escrita? Pesquisas e Práticas Psicossociais, n. 11, v. 1, São João del Rei, pp. 53-67, 2016. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/1529. Acesso em 29 jul. 2021.

TAMIS, Priscila. O Belo Surto – experiências finitas de um corpoescrita. (Título provisório). Tese em construção. Universidade Federal Fluminense, 2016.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Esboços não acabados e vacilantes: despersonalização e experiência subjetiva em Clarice Lispector. São Paulo/Vitória: Annablume/Faculdade Saberes/ Ledhre/ Facitec, 2005.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7letras, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; VAREJÃO, Adriana. *Pérola Imperfeita: a história e as histórias na obra de Adriana Varejão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES (UC)*, Coimbra, v. 18, p. 106-131, 2012. DOI: 10.4000/eces.1533. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 19 nov. 2020.

VAREJÃO, Adriana. *Chambre d'échos / Câmara de Ecos*. Entrevista com Hélène Kelmachter, 2004. In: VAREJÃO, Adriana. *Adriana Varejão. Chambre d'échos / Câmara de Ecos*. Fondation Cartier pour l'art contemporain: Actes Sud, 2005.